

# A fase pré-capa/pré-máscara como uma possibilidade em ações de políticas públicas para o público infantojuvenil

The pre-cover/pre-mask phase as a possibility in public policy actions for children and young people

Gelson Vanderlei Weschenfelder<sup>1</sup>

DOI: 10.51207/2179-4057.20260013

## Resumo

Os personagens de superaventuras, em sua maioria, já vivenciaram eventos de adversidades antes de se empoderarem como super-heróis de suas histórias. Ao mesmo tempo, há poucas políticas públicas que utilizam essa fase de vida dos personagens chamadas de pré-capa/pré-máscara. Na esteira dessas reflexões, esse estudo demonstra que, há ações utilizando os personagens de superaventuras, utilizadas ou que poderiam vir a ser, como políticas públicas. Assim, também apresento aqui os super-heróis como recursos de promoção de resiliência em ambientes educativos e demonstrar que há poucas intervenções que utilizam super-heróis em seu potencial com recursos para ações de políticas públicas.

**Unitermos:** Políticas Públicas. Resiliência. Superaventura. Histórias em Quadrinhos.

## Summary

Most superhero characters have already experienced adversity before being empowered as the superheroes of their stories. At the same time, there are few public policies that utilize this phase of the characters' lives, known as pre-skin/pre-mask. In the wake of these reflections, this study shows that there are actions using superhero characters that are used or could become public policies. I also present superheroes as resources for promoting resilience in educational environments and demonstrate that there are few interventions that use superheroes to their full potential as resources for public policy actions.

**Keywords:** Public Policies. Resilience. Superadventure. Comics.

Trabalho realizado na Faculdade Dom Bosco (FDB), Porto Alegre, RS, Brasil.

Conflito de interesses: O autor declara não haver.

1. Gelson Vanderlei Weschenfelder - Doutor e Mestre em Educação; Graduado em Filosofia e Pedagogia; Graduando em Psicopedagogia; Docente na Faculdade Dom Bosco (FDB), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

Segundo a World Health Organization (WHO, 2002) a violência é um problema de saúde pública, já que mais de 1,5 milhões de pessoas ao redor do mundo morrem por ano vítimas de alguma forma de agressão, pessoal, social ou estrutural. No Brasil, de acordo com a UNICEF (2012), os adolescentes são a faixa etária mais exposta à violência e os moradores de comunidades menos privilegiadas socialmente são os mais vulneráveis às ações de grupos criminosos, repressão das forças de segurança e a ausência de políticas públicas eficientes para apoio e proteção de populações que vivem à margem como um barco à deriva. Nesse cenário, é importante compreender intervir diante dos efeitos das adversidades em grupos que sofrem pela desconsideração das desigualdades sociais. O Brasil vive tempos que impulsionam muitos a pensar: “Só mesmo um super-herói para nos salvar de situações tão difíceis!!!”. Mas, a maioria das pessoas desconhece que o personagem super empoderado já passou por muitos infortúnios e que o sofrimento não o desencorajou.

Há poucas ações sociais e/ou políticas públicas que utilizam esses personagens. Na esteira dessas reflexões, esse estudo demonstra que há ações utilizando os personagens de superaventuras, utilizadas ou que poderiam vir a ser, como políticas públicas. Assim também, apresento os super-heróis como recursos de promoção de resiliência em ambientes educativos e demonstrar que há poucas intervenções que utilizam super-heróis em seu potencial com recursos para ações de políticas públicas.

### **Super-Heróis na fase Pré-Capa/Pré-Máscara como base de inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas**

Apresentar o que se entende por “intervenções psicoeducacionais positivas” permanece um grande desafio entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (Yunes et al., 2013). A expressão é oriunda de investigações dos cientistas adeptos da Psicologia Positiva, movimento que vem se consolidando há mais de uma década na voz de Martin Seligman e seus colaboradores (Seligman et al.,

2005). O referido autor abraçou a missão de promover o campo da Psicologia Positiva como um campo que ressignifica aportes da Psicologia tradicional e busca compreender cientificamente os aspectos potencialmente saudáveis dos seres humanos.

A crença fundamental da Psicologia Positiva é que “as pessoas almejam vidas plenas de sentido, e querem cultivar tudo de melhor que existe dentro delas para maximizar as experiências de amor, trabalho e lazer” (<http://www.ppc.sas.upenn.edu/>). Tal afirmação, encontrada no site oficial de Psicologia Positiva da Universidade da Pensilvânia, contrasta com os aportes da psicologia tradicional, focada na compreensão de sintomas e de psicopatologias. Entretanto, com tais argumentos não se quer dizer que a Psicologia deva ignorar as doenças psíquicas e seus desdobramentos, mas que seja possível construir novas perspectivas que estudem tanto o sofrimento quanto a felicidade, bem como as interações entre estas duas dimensões humanas (Seligman et al., 2005).

No que se refere às intervenções positivas, os autores enfocam que a meta principal é ajudar as pessoas a buscarem felicidade e aliviar sintomas de depressão (Seligman et al., 2005). Além disso, significa atuar em nível de prevenção, ou seja, intervir antes que as patologias apareçam, quando o indivíduo, grupo, comunidade ainda estão sãos. Tais intervenções somente tornam-se possíveis a partir de uma visão mais otimista dos seres humanos, o que é um grande desafio num mundo atual midiático que sobrevive do “consumo” de manchetes e reportagens que vendem o lado perverso e maldoso de alguns seres (des)humanos (Yunes et al., 2013).

Portanto, nesse estudo, define-se como intervenções positivas aquelas que visam a promover aprendizagens transformadoras e são geradoras de resiliência a partir de exemplos inspiradores e interações de bons tratos. Essas ações podem vir a ser consideradas e criar atividades como políticas públicas, que se entende como uma concepção institucionalizada para a solução de problemas públicos que afetam uma coletividade. É um conjunto de sucessivas iniciativas, decisões e ações do regime político frente a situações socialmente

problemáticas e que buscam a resolução delas, ou pelo menos trazê-las a níveis manejáveis.

Discutir-se-ão as possibilidades de desenvolver intervenções psicoeducacionais positivas a partir dos enredos das histórias dos super-heróis em quadrinhos cujos recursos serão focados na fase de pré-empoderamento intitulada pré-capá/pré-máscara das vidas dos super-heróis.

A expressão “Pré-Capá/Pré-Máscara” foi criada pelo autor desse trabalho para fazer referência a um determinado período da vida do personagem ficcional super-heróico que antecede a aquisição de poderes. Nesta fase, a maioria dos personagens, assim como todos os indivíduos na vida real, apresenta momentos difíceis de desenvolvimento na sua vida ficcional, durante os quais eles ainda não desempenham funções heroicas (Weschenfelder, 2017; 2020).

Sabe-se que o uso de super-heróis como fonte de inspiração em ambientes educativos, tais como a sala de aula, e também em ações sociais de políticas públicas possui defensores e críticos. Seus defensores insistem que a fantasia é essencial para a formação da identidade da criança. Enquanto seus críticos veem a prática como estereotipada por questões de gênero e apelo à violência. Com o objetivo de provocar reflexão entre defensores e críticos, este estudo chama a atenção para o potencial dos super-heróis como uma ferramenta de intervenção psicoeducativa positiva e acentua a relevância da fase Pré Capá/Pré-Máscara como possibilidade de nortear ações no âmbito formativo. Para tanto, um mapeamento dessas intervenções/ações sociais/políticas públicas foi realizado para obter-se um panorama no Brasil e em outras partes do mundo. Buscou-se indicadores do uso da fase pré-empoderamento dos super-heróis nas intervenções pesquisadas.

### **Intervenções com super-heróis em ações sociais e educativas**

Um estudo (Harris, 2016) apresenta um argumento convincente para os benefícios da incorporação dos super-heróis como fonte de inspiração no currículo escolar e no desenvolvimento de crianças. A autora Kathleen I. Harris (2016), educadora de

ensino infantil, acredita que os super-heróis podem inspirar e motivar crianças, bem como possibilitar que, se vestirem trajes como capas e máscaras, podem se sentir empoderadas para imaginar e enfrentar seus medos, lutando com esperança e a coragem de um super-herói. Harris (2016) descreve um garoto chamado ‘Ian’ considerado um menino com poucas habilidades sociais. Esse garoto, quando se vestia como um super-herói emanava uma confiança que o habilitava a brincar com os colegas no recreio (Fradkin et al., 2017). Harris (2016) também refere os sentimentos de compaixão do super-herói como uma ferramenta para conter o potencial ato de *bullying*, o que está em consonância com os argumentos de Weschenfelder (2014) de que os super-heróis são modelos de valores de ética e educação moral. A referida educadora usa as habilidades dos super-heróis para reforçar a coragem e a compaixão no ambiente de sala de aula.

Da mesma forma, o terapeuta Cory A. Nelson (2007) emprega o super-herói em seu trabalho de terapia com crianças. Nelson usa uma técnica intitulada: ‘O que o Super-Homem faz’ (WWSD – What would superman do), que ajuda as crianças a “identificar e incorporar traços super-heróicos em suas próprias personalidades e vidas” (Rubin, 2007). Para tanto, Nelson trabalha sob escopo da estrutura adleriana de quatro estágios (Kottman, 1995). Dentro dessa estrutura, estabelece uma relação terapêutica com a criança. Avalia o seu estilo de vida em termos de metas e expectativas; oferece alternativas aos pensamentos e comportamentos da criança, tais como: Nesta situação, o que o Superman faria?; E reorienta a criança para que eles possam usar a técnica WWSD em interações com sua família e seus pares. Nelson relata o sucesso com esta técnica, desde que a criança tenha conexões com super-heróis das histórias em quadrinhos (HQs). Da mesma forma, a terapeuta Jennifer Mendoza Sayers (2007) usa super-heróis - em particular, o Hulk - em seu trabalho com crianças com dificuldades emocionais. Ao tratar a “síndrome do Incrível Hulk” (Potter-Efron & Potter-Efron, 1995), Sayers ajuda essas crianças a transformarem sua raiva crua e destrutiva em raiva saudável e adaptativa (Sayers,

2007, p. 90). E, finalmente, a terapeuta Patty Scanlon (2007) relata o sucesso com uma criança no espectro do autismo. Durante várias sessões, Scanlon notou uma diminuição da agressividade e “novas habilidades sociais”, uma vez que o paciente colocou a capa vermelha de Superman (p. 187).

Ainda no que se refere ao uso dos super-heróis por profissionais da área da Saúde, a psicóloga Janina Scarlet (2016) elaborou um programa do tipo “autoajuda” para adolescentes e adultos jovens para ser utilizado como um recurso psicoterapêutico. O programa é destinado a leitores com quadros de ansiedade ou que sofram de estresse pós-traumático (Weschenfelder et al., 2018). Em uma resenha sobre o livro recém lançado da autora, Fradkin, Weschenfelder e Yunes (2017) apresentam uma explanação descritiva acerca do programa intitulado ‘Terapia dos super-heróis’. Fradkin et al. (2017) discorrem sobre os capítulos do livro de Scarlet que alinhavam um processo terapêutico que pode levar o leitor a lidar com seus próprios conflitos internos e angústias. O programa tem por base os princípios da terapia de aceitação e compromisso (ACT, *Acceptance and Commitment Therapy*). Entretanto, ainda não há estudos sobre as evidências de que este programa tenha gerado resultados positivos sobre seus praticantes ou leitores.

As intervenções mencionadas acima não referem utilizar o recurso pré-capa/pré-máscara dos super-heróis como eliciador de processos de transformação de seus participantes e de contextos pelos quais eles circulam. A seguir, apresentar-se-á, um panorama das intervenções que usam um ou mais super-heróis como tema norteador de encontros de programas de intervenção mapeados a partir de um levantamento realizado por pesquisa *on-line* no Brasil, no continente sul-americano e em outros continentes.

### **Panorama nacional e internacional de intervenções com super-heróis**

Para a construção desta pesquisa, um estudo exploratório realizou um mapeamento de intervenções que usam super-heróis das histórias em quadrinhos como fonte de inspiração de suas ações. A

busca dessas informações foi realizada através de pesquisas *online* em: portais de periódicos eletrônicos (SciELO, ResearchGate, Periódicos Capes); sites de notícias sobre o universo das histórias em quadrinhos; e indicações de pesquisadores que estudam resiliência e temas afins no continente americano e europeu. Estes foram considerados *experts* por suas publicações no assunto, e suas contribuições em congressos. O contato com os mesmos ocorreu por e-mail.

Foram usadas nestas buscas as palavras e descritores, tais como: “super-herói e educação”; “super-heróis e saúde”; “intervenções e super-heróis”; “super-herói em hospitais”; entre outras. A partir dessa coleta em âmbito nacional e internacional, as informações a respeito das intervenções foram detalhadas para que se pudesse buscar os indicadores necessários para a compreensão do cenário global.

Foram mapeadas 118 ações que usam quadrinhos e super-heróis como temática de suas ações no Brasil e em outros países. A primeira característica identificada como elemento de distinção entre as ações foi a periodicidade ou a (ir)regularidade do intervalo de tempo das atividades realizadas para elucidar a compreensão do levantamento, sendo definidas as seguintes categorias de tempo: a) intervenções permanentes – aquelas que possuem fluxo contínuo com demonstrações de constância nas suas ações; b) intervenções esporádicas – aquelas que ocorrem em intervalos de tempo determinados e previsíveis, por exemplo, a cada seis meses, a cada ano, etc; c) intervenções eventuais – aquelas que ocorrem num único evento ou situação e /ou podem ocorrer novamente sem qualquer previsão.

Um segundo elemento crucial para a elaboração das reflexões desse texto foi a fase de empoderamento usada no planejamento e execução das intervenções. O critério de busca de intervenções foi a identificação das mesmas por *website/fanpage*. A partir disso foi gerada uma tabela com as intervenções que utilizam super-heróis com qualquer periodicidade, desde que definidas nas categorias de tempo acima mencionadas. Foram relacionadas no total 10 intervenções com sede em diferentes locais: Brasil, EUA, continentes africano e europeu. Deve-se ressaltar que as intervenções que não têm

publicidade virtual não puderam ser registradas, estudadas e apontadas nessa investigação. Sabe-se que algumas iniciativas ocorrem em diferentes locais, cidades, países e são divulgadas por outros meios midiáticos não identificáveis e padronizados. Entretanto, estas não fizeram parte desse levantamento. A grande maioria das intervenções mapeadas, cerca

de 93,23%, ocorre de forma eventual. Dessas, 72% ocorreram apenas uma única vez, assim sendo, não fizeram parte da tabela abaixo.

A Tabela 1 apresenta a síntese do mapeamento de intervenções que usam super-heróis com periodicidade categorizada pelos critérios acima descritos e definidos.

**Tabela 1**

*Mapeamento de intervenções com periodicidade previsível que usam super-heróis como mecanismos de transformações em suas ações pelo mundo*

Título da intervenção	Início	Público-alvo	Área	Duração	Local	Fase de vida do super-heróis
Super - Fórmula	2013	Crianças da Oncologia Pediátrica do Hospital AC. Camargo	Saúde	Permanente	São Paulo - Brasil	Pós-Capa/ Pós-Máscara
SuperYou Fundations	2013	Estudantes (Crianças e adolescentes)	Educação	Permanente	NYC - USA Unesco	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Rwandan Orphan Project	2014	100 crianças vulneráveis de toda Ruanda	Saúde Comunitária	Eventual	Kigali - Ruanda	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Terapias com super-heróis	2010	Pacientes infantis em consultórios terapêuticos	Saúde	Eventual	USA/Canadá	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Children's Institute for Learning and Development (CHILD)	S/A	Crianças de idade pré-escolar	Educação	Esporádica	Renton, WA-USA	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Capitão América dos Pampas	2012	Crianças de idade pré-escolar e séries iniciais do Ensino Fundamental e Hospitais	Saúde escolar	Esporádica	Região Metropolitana de Porto Alegre - Brasil	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Batman do Brasil	2011	Crianças hospitalizadas	Saúde	Esporádica	Santa Catarina - Brasil	
Heróis do Bem	2012	Crianças com problemas de saúde	Saúde	Esporádica	São Paulo e demais regiões do Sul e Sudeste - Brasil	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Comix4Equality - Quadrinhos para a igualdade	2012	Migrantes e Imigrantes	Direito social	Permanente	Europa	Pós-Capa/ Pós-Máscara
Heróis da alegria	2014	Crianças e adultos hospitalizados	Saúde	Esporádica	São Paulo - Brasil	Pós-Capa/ Pós-Máscara

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a tabela acima, as intervenções com super-heróis mapeadas nessa pesquisa iniciaram-se a partir do ano de 2010. Poder-se-ia argumentar que isso coincide com o auge dos grandes investimentos das adaptações dos quadrinhos para o cinema. Segundo Irwin et al. (2005), o super-herói é o grande símbolo da cultura pop da atualidade, principalmente no início do século XXI, quando estes personagens saem dos quadrinhos e invadem as salas de cinemas com grandiosas adaptações cinematográficas e sucesso nas bilheterias de todo mundo. Em meados dos anos 2000 um jornal de grande circulação em solo norte-americano afirmou que “este mundo é dos quadrinhos” (Irwin et al., 2005, p. 9). Essa referência global não é exagerada, já que personagens como Super-Homem, Batman, Homem-Aranha, entre outros, são reconhecidos internacionalmente e por culturas distintas.

Um multiverso de produções foi criado a partir dos quadrinhos de super-heróis desde seu surgimento no final de 1930: programas de rádio, séries televisivas, animações, livros, cinema etc. É possível visualizar em qualquer parte do planeta que há um sem-número de pessoas usando camisetas com um símbolo de super-heróis estampada no peito. As convenções de quadrinhos, que antes recebiam apenas centenas de fãs, hoje quebram recordes de públicos. Estas convenções eram somente realizadas em espaços norte-americanos, porém, de uns anos para cá, passaram a ser realizadas em diversos países, inclusive no Brasil, onde em 2019, foi realizada a sexta edição (presencial). A *Comic Con Experience* do Brasil se tornou a maior *Comic Con* do mundo com mais de 200 mil visitantes (Sessa et al., 2016). Isso atesta que os super-heróis das histórias em quadrinhos são personagens fictícios que alcançaram o reconhecimento internacional e nacional. Não surpreende que haja um número considerável de intervenções usando a imagens destes personagens no mundo inteiro.

Entretanto, paradoxalmente como indicado na Tabela 1, ainda é baixo o número de ações divulgadas pela Internet de forma organizada, manualizada e passível de replicação. Outra questão explicitada pelos dados da Tabela é que a maioria

das intervenções está ligada à área da Saúde. Poucas focam seus esforços no campo da Educação. Das 10 intervenções no mundo que usam os personagens super-heroicos das HQs, 70% são explicitamente vinculadas à área da Saúde (sendo que em 10% há indícios de que sejam da saúde comunitária e 10% da saúde escolar). Apenas 20% se adequa à área de Educação e outros 10% estão no campo do Direito Social.

Como se pode constatar, não foram listadas as intervenções com periodicidade duvidosa. Há inúmeras ações que ocorrem de vez em quando e são imprevisíveis. Nessas não se verifica um planejamento institucional, com objetivos e metas. Um exemplo dessa modalidade são os profissionais de limpeza de janelas que usam vestimentas dos personagens das superaventuras e descem de rapel em unidades hospitalares infantis. Essas ações acontecem em diversos países, bem como os *cosplayers*<sup>1</sup>.

Há também os indivíduos que se fantasiam de super-heróis e visitam entidades onde há crianças institucionalizadas em casas de acolhimento ou hospitais. As informações que se tem sobre essas ações são matérias de jornais de TV, rádio ou noticiários sem frequência determinada. Por isso, não há um registro organizado dessas intervenções, mas ao que tudo indica poucas são voltadas diretamente para a área de educação.

Entretanto, para efeitos da argumentação desse texto, outra importante dimensão a ser observada na Tabela 1 é a fase da vida dos super-heróis utilizada para nortear as intervenções. Não há indícios de que a fase Pré-Capa/Pré-Máscara dos super-heróis seja mencionada nas características das ações. O enfoque permanece na fase já empoderada dos personagens, a fase Pós-Capa/Pós-Máscaras, quando esses já superaram ou estão em estágio de superação de suas adversidades. Esta observação se dá claramente na Tabela 1 com 100% das intervenções e suas atividades na fase pós-poder e nenhuma menção ou destaque para o super-herói no estágio pré-poder.

<sup>1</sup> *Cosplay* são fantasias de algum personagem de animações, HQs, filme ou seriado. Os *cosplayers* se vestem com fantasias em eventos ou concursos de “melhor interpretação do personagem, melhor roupa, etc.”.

## O super-herói em sua fase pré-capa/pré-máscara

Personagens super-heróicos apresentam potencial como recursos educativos e podem se fazer presentes nas salas de aula (Weschenfelder, 2011; 2014) e em ambiente terapêuticos, assim, por que não dizer em ações de políticas públicas? Mas em que medida o personagem super-heróico poderia auxiliar na fase antes de se empoderar, previamente aos seus super-poderes, sem capas e máscaras que escondem suas identidades reais?

O super-herói na fase “pré-capa/pré-máscara” está muito vivo e compartilha suas histórias com muitas crianças em situação de risco. Peter Parker (Homem-Aranha), por exemplo, perdeu seus pais aos 6 anos de idade (Ziskin et al., 2002); Superman também perdeu os pais antes de completar 1 ano de vida (Spengler & Donner, 1978); Capitão América sofreu *bullying* e cresceu na pobreza (Feige & Johnston, 2011); a Viúva Negra foi abandonada aos três anos (Roemmich, 2010), entre outros casos de adversidades na vida desses super-heróis. Em uma indexação das adversidades dos top-20 de super-heróis das HQs<sup>2</sup>, um estudo (Fradkin et al., 2016) observou que “86% dos personagens super-heróicos foram órfãos ou abandonados; 49% tiveram pelo menos um dos pais assassinado; 15% foram sequestrados; 29% sofreram *bullying* e 29% vivenciaram e cresceram com limitações econômicas” (p. 412).

Estas histórias em comum de adversidades na fase pré-capa/pré-máscara apresentam potencial para o empoderamento de crianças, especialmente as órfãs, maltratadas ou abandonadas ou aquelas que se sentem como tal. Estudos (Cole, 2014; Juffer & Van Ijzendoorn, 2005) apontam que as crianças destes grupos (denominadas pelos autores “crianças vulneráveis”) têm taxas mais altas de dificuldades do que as crianças na população em geral. Essa população infantil possui taxas mais altas de disfunções comportamentais, incluindo sexo desprotegido (Thompson & Auslander, 2011), evasão escolar (Achkar et al., 2017) e abuso de drogas (Carvalho et al., 2006). Estudos indicam ainda taxas elevadas de comprometimentos psicológicos, incluindo

transtorno de conduta (Shin, 2005), baixa autoestima (Luke & Coyne, 2008) e tentativas de suicídio (Keyes et al., 2013).

Estes jovens podem ser facilmente identificados em salas de aula do mundo inteiro e, para que não sejam encaminhados para centros de acolhimento juvenis com cumprimento de medidas socioeducativas, algo deve ser preventivamente realizado. Leone & Wruble (2015) afirmam que no sistema penal norte-americano há instalações que abrigam jovens - por ordem dos tribunais - que cometeram crimes e que permanecem aguardando medidas legais, o que não é muito diferentes do Brasil e outros países americanos.

Como experiência demonstrativa da aplicabilidade dos super-heróis em fase pré-capa, foi realizada uma intervenção-piloto no espaço de salas de aula. A experiência buscou trabalhar com a autoestima dos alunos de Educação para Jovens e Adultos (EJA), geralmente em risco pela relação da idade com escolaridade (Weschenfelder, 2016). Pode-se perceber que com esse público, há necessidade de traçar práticas positivas para incentivá-los e motivá-los a perseguir objetivos de sucesso.

Com essas ideias em mente, foi realizada, uma intervenção com super-heróis, na qual a fase pré-capa/pré-máscara dos personagens era o foco. Após a apresentação das adversidades vividas pelos super-heróis, solicitou-se que os alunos escrevessem um roteiro para criação de uma história em quadrinhos. A história deveria conter adversidades sociais, conter um ponto de virada e finalizar com a transformação de vida ou uma busca por estas viradas e transformações. Durante a intervenção, os alunos receberam a orientação de que a história poderia ser a sua história de vida, caso se sentissem a vontade para tal (Weschenfelder, 2016). Participaram 41 estudantes de idades entre 16 e 55 anos de duas escolas na modalidade EJA no sul do Brasil.

O exercício dessa intervenção resultou no fato de que os participantes manifestaram que tomaram ciência de que em suas vidas houve pontos de virada e transformações. Os relatos evidenciaram que os participantes sentiram-se bem e diziam-se fortalecidos por verem suas histórias de dor e luta

2 Histórias em Quadrinhos.

transformadas em arte quadrinhada. As histórias deles foram desenhadas por um quadrinista convidado que voluntariamente se dispôs a colaborar com a proposta.

Esse projeto piloto reitera que ambientes educativos são ideais para programas de intervenção e que a imagem dos super-heróis pode possibilitar que crianças e jovens encontrem um “mentor” sob o disfarce de Superman (ou Homem-Aranha). Esses funcionam como modelos positivos e auxiliam a buscar direções em momentos do ciclo do desenvolvimento humano. Os personagens já estão presentes no imaginário infantojuvenil e inclusos numa elaboração interventiva passam a ter grande força de identificação lúdica auxiliando o encontro de caminhos com gosto de empoderamento.

Entretanto, cabe ressaltar que em um ambiente de sala de aula existe uma linha tênue entre se inspirar nos super-heróis e promover uma intervenção usando super-heróis. Harris (2016) acredita que os super-heróis podem ser uma fonte de motivação e inspiração positiva para crianças e adolescentes. Portanto, em sala de aula, o uso de super-herói tem um imenso valor por razões afirmadas pela autora, que são: socialização, reciprocidade, promoção de resiliência, construção da comunidade e empoderamento da criança. Nesse sentido, inspirar-se em super-heróis poderia ser visto também como um programa de recuperação, o que está em sintonia com as ideias de Scarlet (2016) e a aplicabilidade dos super poderes em contexto clínico (Fradkin et al., 2017).

Em contraste, o uso proposto da figura dos super-heróis das HQs entre populações vulneráveis de crianças e adolescentes (Weschenfelder et al., 2018) seria mais exatamente descrito como reabilitação. Devido aos seus sofrimentos, crianças órfãs e abandonadas têm experimentado mais trauma e abuso do que grupos na população infantil em geral (Euser et al., 2013). Assim, tais situações exigem intervenções positivas e políticas afirmativas.

Criar programas de intervenção usando a imagem positiva dos super-heróis é especialmente sugestiva para as atividades do contraturno escolar, quando muitas crianças e adolescentes precisam

ocupar seus tempos livre com programação saudável para seu desenvolvimento. Aqui, poderiam ser criadas ações/políticas psicopedagógicas públicas, como no caso de algumas ações apresentadas na Tabela 1.

Além disso, um aspecto importante refere-se à constituição familiar de crianças e jovens em situações de vulnerabilidade. Há dados que mostram que quase 50% de todos os jovens afro-americanos crescem em lares sem pai nos Estados Unidos (US Census Bureau, 2007). Entre a juventude minoritária que preenche esses programas de contra turno escolar para crianças e jovens de baixa renda nos EUA, há uma ausência desproporcional de modelos masculinos (Kreider & Fieldes, 2005). No Brasil, dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, apontam que há 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento (Bassete, 2013) e segundo o IBGE (2015) há 37,3% de lares monoparentais e chefiados por mulheres.

Num paralelo com as vidas dos super-heróis na fase pré-capa/pré-máscara, o personagem Batman também cresceu sem seu pai, assim como outros super-heróis. Isso pode fomentar a esperança onde a esperança não existia: ‘Se Batman pode sobreviver crescendo sem um pai, talvez eu possa sobreviver sem um, também’. Assim como em experiências de outros personagens, esses jovens podem se inspirar nestes personagens como fonte de superação de suas adversidades, tornando os super-heróis das HQs tutores de resiliência. E, em cidades com índices elevados de criminalidade e perigosas distrações, personagens como Batman, que dedica sua vida aos outros, podem inspirar e promover empatia além dos comportamentos heróicos, de superação e auxílio em sua comunidade.

Porém, vale ressaltar que, o personagem Bruce Wayne cresceu sem os pais, mas teve a tutoria de Alfred, seu mordomo e, mesmo quando iniciou sua jornada de autoconhecimento para compreender a mente criminoso, ele tinha ‘para onde e para quem voltar’. Alfred realizou a mediação necessária ao amadurecimento de Bruce Wayne (alter ego de Batman). Para uma criança de periferia, que não

conhece o pai, geralmente, há tutores possíveis: o traficante, o professor(a) ou um adulto significativo das suas relações.

Ultimamente, em alguns casos da realidade brasileira, o traficante é um tutor mais frequente, embora não se tenha dados empíricos atuais para provar essa afirmação. Mas, um traficante pode ensinar o adolescente “a sobreviver” numa realidade adversa e se tornar forte o suficiente para conquistar seu lugar, trazendo a tona o que se intitula resiliência oculta (Libório & Ungar, 2010; Pessoa, 2015). Ou seja: é uma espécie de *Ras’Al Ghul* (inimigo de Batman).

Os “Alfreds” possam vir a ser os profissionais da área de educação ou de políticas públicas que acolhem a situação dessa criança e a auxiliam a “tornar-se” ele mesmo. O quanto a escola tem um papel fundamental para formar um ambiente de empoderamento e de resiliência para estas crianças e adolescentes que sofrem alguma adversidade social. É responsabilidade educacional ocupar-se do desenvolvimento dos alunos em todas as dimensões: social, física, emocional e intelectual (Yunes et al., 2013).

## Considerações

A inspiração e a intervenção com super-heróis têm se mostrado promissoras tanto na sala de aula quanto no ambientes sociais (Harris, 2016; Rubin, 2007; Sayers, 2007). Esta promessa foi construída principalmente na força e no apelo do super-herói e sua fase super-heróica de superpoderes, como narrativas mitológicas nos tempos atuais. Embora reconheçamos a importância do trabalho já realizado, é fato que há pouquíssimas intervenções que usem exemplos da vida de sofrimentos e adversidades que permeiam as histórias dos personagens super-heróis, essas apresentados por Weschenfelder (2017) e pesquisadores afiliados. Além disso, poucas intervenções são realizadas no campo da educação em diferentes países e continentes. Identifica-se uma tendência maior na aplicação dessas ideias no campo da saúde.

A totalidade das ações pesquisadas neste estudo demonstra basear-se no período intitulado

pós-capá/pós-máscara, ou seja, executa as ações com base nas transformações super-heróicas dos personagens como estímulo de debates, filmes, atividades em geral.

Acredita-se que a fase pré-capá/pré-máscara é fundamental e subutilizada para oferecer às crianças e jovens em situação de adversidade social, um ponto de partida para transformação e si mesmas e de seus contextos. Os personagens das superaventuras podem servir de exemplo moral, ético e de empoderamento e resiliência, pois suas histórias são compatíveis com muitas trajetórias de crianças reais em situação de risco. Tanto na área de saúde como na educação há lugar e espaço para a fase pré-super-heróica como tema nuclear de intervenções positivas e promotoras de desenvolvimento.

Intervenções positivas na área da Educação com a imagem do super-herói como grande ícone da cultura e presentes no imaginário infantojuvenil podem ser fonte de grande inspiração em qualquer ambiente institucional e escolar. A criação de programas de intervenção usando a imagem dos personagens de superaventura no ambiente escolar pode vir ser de grande ajuda nos processos de desenvolvimento psicopedagógicos dos envolvidos.

Usados em outras áreas, principalmente na saúde, como visto neste estudo, os super-heróis da HQs são fortes influências em e podem empoderar crianças e adolescentes que buscam por definições e projetos de futuro consoantes com seus desejos e sonhos. Os ambientes pedagógicos para serem colocados a prova são inúmeros e, portanto, restamos o desafio de dar o próximo passo a caminho de testar intervenções.

## Referências

- Achkar, A. M. N. E., Leme, V. B. R., Soares, A. B., & Yunes, M. A. M. (2017). Risco e proteção de estudantes durante os anos finais do ensino fundamental. *Psicologia Escolar E Educacional*, 21(3), 417-426. <https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311151>
- Bassete, F. (2013, 10 de agosto). No Brasil, 5,5 milhões de crianças não têm pai no registro. *O Estado de S. Paulo*.
- Carvalho, D. (2006). *A educação está no gibi*. Papirus.
- Cole, L. D. (2014). *California welfare and institutions code § 369.5 authorization of psychotropic medication to California’s dependent children A policy analysis*.

- [Unpublished doctoral dissertation]. Recuperado de ProQuest Dissertations and Theses (Accession Order No. 1527687).
- Euser, S., Alink, L. R., Tharner, A., van Ijzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2013). The prevalence of child sexual abuse in out-of-home care: A comparison between abuse in residential and in foster care. *Child Maltreatment, 18*(4), 221-231.
- Feige, K. (Producer), & Johnston, J. (Director). (2011). *Captain America* [Motion picture]. Marvel.
- Fradkin, C., Weschenfelder, G. V., & Yunes, M. A. M. (2016). Shared adversities of children and comic superheroes as resources for promoting resilience: Comic superheroes are an untapped resource for empowering vulnerable children. *Child Abuse & Neglect, 51*, 407-415. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213415003683>
- Fradkin, C., Weschenfelder, G. V., & Yunes, M. A. M. (2017). The pre-cloak superhero: a tool for superhero play and intervention. *Pastoral Care in Education, 32*(2), 137-144.
- Harris, K. I. (2016). Heroes of resiliency and reciprocity: teachers' supporting role for reconceptualizing superhero play in early childhood settings. *Pastoral Care in Education, 34*(4), 202-217.
- Irwin, W., Morris, M., & Morris, T. (2005). *Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho sócrático* (M. L. Malvezzi, trad.). Madras.
- IBGE. (2015). *Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data em 1º de julho de 2015*. (PDF). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Juffer, F., & van Ijzendoorn, M. H. (2005). Behavior problems and mental health referrals of international adoptees: a meta-analysis. *JAMA, 293*(20), 2501-2515.
- Keyes, M. A., Malone, S. M., Sharma, A., Iacono, W. G., & McGue, M. (2013). Risk of suicide attempt in adopted and nonadopted offspring. *Pediatrics, 132*(4), 639-646.
- Kreider, R. M., & Fields, J. M. (2005). *Living arrangements of children: 2001 (Current Population Reports, Series P-70, No. 104)*. Census.
- Kottman, T. (1995). *Partners in play: An Adlerian approach to play therapy*. American Counseling Association.
- Leone, P. E., & Wruble, P. C. (2015). Education services in juvenile corrections: 40 years of litigation and reform. *Education and Treatment of Children, 38*(4), 587-604.
- Libório, R. M. C., & Ungar, M. (2010). Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicologia: Reflexão E Crítica, 23*(3), 476-484.
- Luke, N., & Coyne, S. M. (2008). Fostering self-esteem: Exploring adult recollections on the influence of foster parents. *Child & Family Social Work, 13*(4), 402-410.
- Pessoa, A. S. G. (2015). *Trajetórias negligenciadas: Processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente].
- Potter-Efron, R. T., & Potter-Efron, P. S. (1995). *Letting Go of Anger: The 10 Most Common Anger Styles and What to Do About Them*. New Harbinger Pubns Inc.
- Roemmich, M. (Producer/Director). (2010). *Black widow* [Motion picture]. MGM/JA Entertainment Company.
- Rubin, L. C. (Ed.). (2007). *Using superheroes in counseling and play therapy*. Springer.
- Sayers, J. M. (2007). The incredible Hulk and emotional literacy. In L. C. Rubin (Ed.), *Using superheroes in counseling and play therapy* (pp. 89-101). Springer.
- Scanlon, P. (2007). Superheroes are super friends: Developing social skills and emotional reciprocity with autism spectrum clients. In L. C. Rubin (Ed.), *Using superheroes in counseling and play therapy* (pp. 169-191). Springer.
- Scarlet, J. (2016). *Superhero therapy: a hero's journey through acceptance and commitment therapy*. Little, Brown Book Group.
- Seligman, M. E., Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive psychology progress: empirical validation of interventions. *The American Psychologist, 60*(5), 410-421.
- Sessa, L. V., Silvestre, J., & Vícola, G. (2016). *Direto ao topo: É oficial - a maior Comic-Con do mundo é do Brasil, Mundo dos Super-Heróis* (pp. 18-22). Editora Europa.
- Shin, S. H. (2005). Need for and actual use of mental health service by adolescents in the child welfare system. *Children and Youth Services Review, 27* (10), 1071-1083. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2004.12.027>
- Spengler, P. (Producer), & Donner, R. (Director). (1978). *Superman* [Motion picture]. Warner Bros.
- Thompson, R. G., Jr, & Auslander, W. F. (2011). Substance use and mental health problems as predictors of HIV sexual risk behaviors among adolescents in foster care. *Health & Social Work, 36*(1), 33-43.
- UNICEF. (2012). *Guia municipal de prevenção da violência letal contra adolescentes e jovens*. Observatório de Favelas. [https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL\\_RevisaoFINAL\\_04MAI.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf)
- U.S. Census Bureau. (2007). *American community survey: 2006 data on selected economic characteristics*. U.S. Census Bureau.
- Weschenfelder, G. (2020). *Homens de Aço? Os super-heróis como tutores de resiliência*. Appris.
- Weschenfelder, G., Fradkin, C., & Yunes, M. A. M. (2018). Super-Heróis na fase pré-capa/pré-máscara como base de inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. *Psicologia - Teoria e Pesquisa, 15*, 1-20.
- Weschenfelder, G. (2017). *Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco*. [Tese de doutorado, Universidade La Salle de Canoas].
- Weschenfelder, G., & Yunes, M. A. M. (2017). Percepções de leitores de quadrinhos acerca de super-heróis e as adversidades vividas. In I. Reblis, L. Becko, & C. B. Costa (Orgs.), *Vamos falar de gibis? Retratos teóricos a partir do sul*. ASPAS.
- Weschenfelder, G. (Org.), (2016). *EJA - Desafios e conquistas: Um panorama da educação de Jovens e adultos em Novo Hamburgo*. Pacartes.
- Weschenfelder, G. (2014). *Aristóteles e os super-heróis: a ética inserida nas histórias em quadrinhos*. Garcia Edizioni.

- Weschenfelder, G. (2011). *Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes*. [Dissertação, Unilasalle].
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. WHO. [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf)
- Yunes, M. A. M., Silveira, S. B., Juliano, M. C., Pietro, A. T., & Garcia, N. M. (2013). Intervenções psicoeducacionais positivas em contextos de risco psicossocial. In B. S. dos Santos (Org.), *Psicopedagogia em diferentes cenários* (1ª ed., vol. 1, pp. 231-242).
- Ziskin, L., Bryce, I., & Raimi, S. (Producers). (2002). *Spider-Man* [Motion picture]. Columbia Pictures.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.

### **Correspondência**

Gelson Vanderlei Weschenfelder  
Rua Dr. Barcelos, 1291, 307/04  
Canoas, RS, Brasil – CEP 92310-200  
E-mail: [gelfilo@gmail.com](mailto:gelfilo@gmail.com)